

Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores

Ludmila Tavares Oliveira *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-6978-8947>

RESUMO

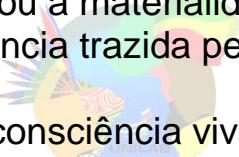
Ludmila Oliveira é uma mulher negra que através da escrita sensível busca levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores. Cada poema representa a história, troca de afeto e individualidade negra. Seu compromisso com a escrita em si é transformadora, tudo isso cumpre uma finalidade específica, dar ao povo negro as rédeas das suas próprias vivências. Já tivemos nossas histórias contadas pela visão da branquitude, agora queremos pegar nosso protagonismo.

PALAVRAS-CHAVE

Continuação; Matrilinear; Nilo; Njinga; Bertoleza

CONTINUAÇÃO

Sou a voz das minhas mais velhas.
A voz que ecoa liberdade e aqui
se faz presente. Sou a materialidade da resistência
forçada pela vivência trazida pela sobrevivência.



Sou fruto da consciência viva que permite
que minhas raízes atravessem o solo do seu
subconsciente. Sou a continuação da história contada
por aqueles que refletem o passado, presente
e futuro. Mais que ser eu sou!

Sou filha da Mônica, neta de Maria e
bisneta de Olzidia. Mulheres além de seu tempo
e inimigas do fim. Da autoafirmação
de ser, coloco - me de pé diante de qualquer desafio.

Refazendo os meus passos planejados
por aqueles que olham por mim.
Por isso, não ando só!

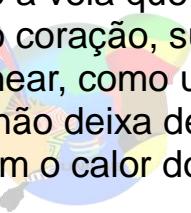
MATRILINEAR

Semeei sementes sobre o solo fértil
da minha terra. A cada gota de água derramada
no solo, implantei ali meu exílio mais íntimo.

O sangue do meu povo.
Raízes vitais que me colocam de pé.

Ó minha Sabá, matriarca que comporta
toda a grandeza de mulheres que
vieram antes de mim. Envolve - me no
seu saber de luta e permeia
em mim suas conquistas.

Assim como a veia que bombeia
sangue para o coração, sua corrente
vital é matrilinear, como uma flor de
mandacaru que não deixa de desabrochar
mesmo com o calor do sertão.



NILO

No cuidado singelo que tenho comigo,
resgato afirmações diárias sobre mim.
Isso permite que incertezas e aflições
depositadas por outros não
respingue na minha pele.

Me banho no rio Nilo na tentativa de encontrar
a essência roubada de mim. Na procura constante
de reconhecer o passado e me aliar ao
futuro, sem abandonar meu ser.

Núbio escorrendo pelo meu corpo.
Olha meu ar, sou tão "exótica".
Quanto mais escura minha pele, mais sagrado
é o meu corpo. Quanto mais profundas
as feridas, mais resistentes
são minhas raízes. Estou mergulhando
no Nilo, em forte negação.

SOY LA VOZ DE MIS MAYORES

Soy la voz de mis mayores

La voz que resuena con la libertad y está presente aquí. Soy la materialidad
de la resistencia,

forzada por la experiencia de la supervivencia.

Soy el fruto de la conciencia viva que permite
que mis raíces penetren en el subconsciente. Soy la continuación de la
historia contada

por quienes reflejan el pasado, el presente
y el futuro. ¡Soy más que un ser!

Soy hija de Mónica, nieta de María y
bisnieta de Olzidía. Mujeres adelantadas a su tiempo
y enemigas del fin. Desde la autoafirmación
del ser, me levanto ante cualquier desafío.

Recorriendo mis pasos, planeados
por quienes me cuidan.
¡Por eso no camino sola!

NJINGA

Rainha mãe Njinga, seu chamado
ecoa liberdade e perseverança.
No berço de Ndongo nasce uma flor
em meio a tanta dor. Sua luta perpetua
a esperança de um povo.

No traçar da linha vital sua trajetória
se iniciou, caminhos fechados foram
abertos de maneira sublime e direcionados
a Ogum. Machados cerrados para cima sinalizam
a batalha travada por Xangô, trazendo
saudações para a nossa rainha.
Njinga, seu legado ancestral
permanece atemporal.

Aqui vai mais um grito de vitória, pois uma
rainha não foge da luta! Trago minhas
tropas que representam a ânsia de
um povo que vibra por liberdade.
Faço parte de um povo que
é o berço da humanidade.

Coloco - me de pé para combater o
temor lançado contra os meus. Visto – me
com minha armadura e empunho a espada
de Jorge para confrontar aqueles que
fizeram do meu país
colônia de extração.

BERTOLEZA

Na imensidão de pessoas amontoadas como
em um formigueiro, vivia assim uma escrava cansada
de ser explorada, abusada e humilhada. Quisera sua dignidade
restaurada e suas correntes quebradas!

Quitandeira de mão cheia que sonhava
em ter sua liberdade, apesar de ser uma escrava liberta.

Juntava vintém, por vintém para um dia voar
livre, como um pássaro que não precisava
viver mais em uma gaiola.

João Romão fazendo – se de bom moço deu de bom
grado sua liberdade assinada à mão. Coitada!!
Bertoleza, tomada pela emoção nem sabia que aquele
pedaço de papel era pura enganação.

Tudo muito instável. Um dia escravidão.
Outro dia abolição da escravatura, e no outro
o abismo entre a falta de opção do
escravo "livre" sem condição.

Alvo fácil da falta de caráter
de João Romão ou qualquer aristocrata
metido a rico. A vida continua
e o ciclo é sempre o mesmo.
Exploração, capital e mais exploração,
tudo à moda aristocrata.
Assim permanece o cortiço, lotado como
um formigueiro em construção.
Queria antes te dar um final
feliz Bertoleza, porém
não há final feliz. Te encontro
entre a cruz e a espada. Sabia que
assim como Dandara você preferiria à morte a ser
enganada, explorada e aprisionada.

Ludmila Oliveira, Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores

Foto: A poetisa Ludmila Oliveira



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025

Para citar este texto (ABNT): OLIVEIRA, Ludmila Tavares. Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p. 359-364, jul./dez.2025.

Para citar este texto (APA): Oliveira, Ludmila Tavares (jul./dez.2025). Levar a ancestralidade afrocentrada de seus poemas aos leitores. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 359-364.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>